



João Guimarães Rosa

Foto: Stefan Rosenbauer, Rio de Janeiro, s.d. Arquivo IEB.

ROSA POR ROSA: MEMÓRIA E CRIAÇÃO

Cecília de Lara*

*Em literatura sou um visual, só
sei descrever aquilo que eu vi,
efetivamente, e sonhei depois.*

(JGR a G. Lorenz)

RESUMO: Em relatos pessoais de João Guimarães Rosa, a autora colhe dados sobre episódios da infância e aspectos da paisagem da terra natal do escritor. Correlaciona-os com a criação ficcional, notadamente em *Sagarana*, segundo conceitos relativos ao fato de que as lembranças também se inventam, pois a fantasia se associa às recordações de infância na memória do adulto.

UNITERMOS: Memória; imaginação; infância; entrevista; *Sagarana*.

Entre documentos pré-redacionais e redacionais ligados mais diretamente à elaboração de obras, o acervo Guimarães Rosa do IEB/USP encerra amplo material de cunho pára-redacional. Massa documental da qual destacamos alguns escritos do próprio autor e de outros, por ele colecionados, que oferecem subsídios para sua biografia e também contribuem para entender aspectos de sua criação ficcional: recortes de jornal, entrevistas, discursos, cartas, anotações de Guimarães Rosa ou de pessoas com quem conviveu; informações inscritas em diferentes suportes mas que têm em comum o fato de nos permitir conhecer passagens da trajetória do escritor em sua terra natal, Cordisburgo e outros locais, no interior de Minas, bem como suas reflexões sobre tais experiências. O repositório de lembranças, renovadas e enriquecidas com viagens de estudo, leituras e pedidos de informação a familiares e amigos, afloram em sua criação ficcional, conforme vem sendo estudado¹.

* Pesquisadora, Área de Literatura Brasileira - IEB/USP.

Evidentemente, não vamos cometer o erro de exigir rigor absoluto no aproveitamento de elementos concretos da experiência vital do escritor na composição do seu universo ficcional. É mais do que conhecida a ação exercida pela liberdade de criação, transfigurando o que é captado pelos sentidos, que emerge do mundo interior do artista revitalizado com sopro pessoal, integrando-se aos demais frutos da imaginação. E mais ainda quando se trata de matéria da memória, submetida à ação do tempo e das experiências posteriores, que influem na visão do vivido. Ou seja, a recordação é também uma recriação e até mesmo uma invenção. Sobre esse ponto específico remetemos a dois ensaios bastante esclarecedores de A. Bezerra de Menezes que aproximam Aristóteles e Freud no tratamento da memória e imaginação, aplicados com perspicácia e competência pela ensaísta ao âmbito da ficção².

Mencionamos, entre os documentos, "entrevistas" de Guimarães Rosa: fato que pode causar estranheza, pois bem conhecida é a má vontade que o escritor demonstrava com jornalistas que pretendiam entrevistá-lo, depois que se tornou famoso. Fato que tem levado ao equívoco de se imaginar que não concedeu entrevistas a outras pessoas, além de G. Lorenz³. O que não é verdade, pois no mesmo ano de 1946, logo após a publicação de sua primeira obra, *Sagarana*, por duas vezes falou a repórteres: a J. Borba⁴, em 19 de maio, com trechos anteriormente preparados pelo escritor, relativos à preocupação em ser original e às possíveis reminiscências de leituras, que podem emergir na obra, conforme comprovam anotações manuscritas do arquivo JGR do IEB localizadas por Maria Neuma Cavalcante. De 26 de maio é outra entrevista, a Ascendino Leite⁵. Mais rica de dados, traz o belo nome: "Arte e céu: países de primeira necessidade". Um trabalho escolar, de uma aluna do colegial, Maria da Graça Faria Coutinho⁶ mereceu respostas cuidadosas do escritor, que esclarecem alguns pontos de sua trajetória e de sua criação. Houve outra entrevista deste tipo, a uma prima de Curvelo, mencionada por Vicente Guimarães, tio do escritor, em livro sobre o convívio na infância, em Cordisburgo⁷. Da ojeriza a fazer declarações aos jornais, que lhe adveio, com o tempo, já tratamos em ensaio - "Rascunho e acabamento" - a ser editado na revista *Glauks*, do Dept^o de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa, MG, que a professora Maria Lúcia F. Guelfi prepara. Uma das prováveis explicações estaria, talvez, no

1. LEONEL, Maria Célia de Moraes. *Guimarães Rosa Alquimista: processo de criação do texto*. São Paulo, 1985. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. (Trabalho pioneiro, que desencadeou a etapa de aproveitamento de anotações do acervo JGR em teses).
2. BEZERRA DE MENEZES, Adélia. *Do poder da palavra: ensaios de literatura e psicanálise*. São Paulo, Duas Cidades, 1995.
3. LORENZ, Gunther. *Literatura deve ser vida. Diálogo com a América Latina. Panorama de uma Literatura do Futuro*. São Paulo, Ed. Pedagógica e Universitária, 1963.
4. BORBA, José César. Histórias de Itaguara e Cordisburgo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 maio 1946. (Rec. Acervo JGR-IEB).
5. LEITE, Ascendino. Arte e céu, países de primeira necessidade. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 26 maio 1956. (Rec. Acervo JGR-IEB).
6. COUTINHO, Maria da Graça Faria. *Entrevista com Guimarães Rosa*. Colégio Brasileiro de Almeida, Junho de 1965. 1^o ano Clássico. (Manusc. Acervo JGR-IEB).
7. GUIMARÃES, Vicente. *Joãozinho: infância de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1979.

comedimento exigido pela sua atividade como diplomata, acentuando sua natural discrição.

Neste ano, em que se comemoram os 50 anos de Sagarana é oportuno explorar essas entrevistas e alguns outros documentos que se referem especificamente à elaboração desta obra. Mas, ainda há outro motivo: o de desfazer equívocos, pois algumas das considerações sobre a infância, feitas pelo escritor, têm sido reproduzidas sem que seja citada a fonte. Um recorte de jornal, com a entrevista a Ascendino Leite, conservado no acervo JGR, no IEB, nos permitiu restabelecer a origem de tais informações.

Quanto ao ponto que nos interessa, no momento, ao falar a J. Borba, Guimarães Rosa deixa clara sua concepção quanto ao papel da memória na criação literária, afirmando:

“A medida que vou vivendo e sonhando, participando de um mundo diferente do da minha infância, vou sentindo que mais tarde serei capaz de me tornar um escritor da cidade, quando os fatos e as pessoas de hoje forem partes da minha memória, constituírem lembranças e saudades, como as de Cordisburgo e Itaguara que me fizeram escrever *Sagarana*”.

Afirmção que se repete, anos depois, na entrevista a G. Lorenz: “Em literatura sou um visual, só sei descrever aquilo que eu vi, efetivamente, e sonhei depois”⁸. Além da ênfase ao ato de “ver” e a característica que se atribui, de ser um “visual” - aspecto do qual nos ocuparemos logo mais - no momento queremos apontar a correlação “vida/sonho”, que estabelece em épocas muito diferentes: 1946 e 1963. Chama de “sonho” o processo de recordar o vivido, que implica no trabalho da fantasia sobre dados da realidade. Logo, Guimarães Rosa reafirma a ação da imaginação, que se alia a outro ingrediente da recordação: o transcurso do tempo. Fala, ainda, de “lembranças e saudades” e diz que escreve sobre o que viu e sonhou “depois”. Reviver o passado é sonhar, portanto, com o vivido. O escritor refere-se, ainda, a uma *técnica* ou “processos para a gente voltar à infância, ou melhor, ir à ‘outra’ infância. Com algum treinamento, qualquer um consegue andar por lá pelo menos umas duas horas, cada dia. E aí, a cidade vira roça”⁹. Ao provocar as lembranças, transportando-se para o território da infância, no passado, revela ter consciência do processo chamado de “reminiscência”: “memória consciente de si própria”, conforme definição de Aristóteles, que aponta, inclusive, uma técnica de associações, para chegar ao ponto procurado¹⁰. Guimarães Rosa também se refere a uma técnica, para voltar à infância, ou como afirma, “à outra infância”, ou seja, àquela que ressurge no presente como produto do sonho. Mas, não nos revela como seria essa técnica. O certo é que paisagens, fatos, pessoas, palavras, situações de sua vida pessoal afloram como componentes do complexo tecido ficcional

8. LORENZ, Gunther. *Op. cit.*

9. LEITE, A. *Op. cit.*

10. BEZERRA DE MENEZES, A. *Op. cit.*

de sua obra, cujo pano de fundo é a imaginação, a fantasia: ingredientes básicos da criatividade.

Cordisburgo: memória e mito

É o que se passa, por exemplo, com a lembrança da terra natal. Guimarães Rosa aceitou de bom grado, para si, a definição que G. Lorenz lhe atribuiu, de "homem do sertão": "Chamou-me homem do sertão. Nada tenho em contrário, pois sou sertanejo e acho maravilhoso que você deduzisse isso lendo meus livros, porque significa que você os entendeu"¹¹.

Uma crônica, com correções manuscritas de G. Rosa¹², sintetiza dados de sua vida, como o nascimento a 27 de junho de 1908, em Cordisburgo, perto do Ribeirão do Onça, afluente do Rio das Velhas, entre Curvelo e Sete Lagoas, junto à Gruta de Maquiné: "Vá visitá-la, para ver como a natureza sabe ser bonita com minúcia, riqueza e complicação" - aconselha a um dos primeiros repórteres que o entrevistou¹³.

Sempre manteve ligação afetiva com sua região - repositório de lembranças presentes em toda sua obra, de *Sagarana* ao *Discurso de Posse*, que começa e termina com o nome da terra natal: "Cordisburgo era pequeníssima terra sertaneja, trás montanhas, no meio de Minas Gerais. Só quase lugar, mas tão de repente bonito: lá se descerra a gruta de Maquiné, mil maravilhas, a das Fadas e o próprio campo, com vasqueiros cochos de sal ao gado bravo, entre gentis morros ou sobre o demais de estrelas, falava-se antes: 'os pastos de Vista Alegre'"¹⁴. É difícil não estabelecer o paralelo entre terra e homem, tal a identidade que os liga. Não deve ter sido sem razão que o próprio Guimarães Rosa lembra a maneira como o Ministro João Neves da Fontoura a ele se referia, rebatizando-o: "Mas por Cordisburgo igual, verve no sério-lúdico, de instantes, me tratava, ele, chefe e amigo meu João Neves da Fontoura: 'Vamos ver o que diz CORDISBURGO'..."¹⁵.

Não só nascido, mas ligado visceralmente à terra natal, como ele próprio admitia: "...quem lá nasceu tem de guardar por toda a vida uma concepção mágica do Universo..."¹⁶. Ainda que a considerasse "cidadezinha não muito interessante" - completava em seguida: "mas, para mim, sim de muita importância. Além disso,

11. LORENZ, Gunther. *Op. cit.*

12. BRAGA, Rubem. Gente da cidade. Guimarães Rosa, vaqueiro. *Manchete*, Rio de Janeiro, 14 nov. 1953. (Rec. Acervo JGR-IEB).

13. LEITE, A. *Op. cit.*

14. ROSA, Guimarães. *Discurso de Posse à Academia Brasileira de Letras*. In: VÁRIOS AUTORES. *Em memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1968.

15. *Idem, ibidem.*

16. LEITE, A. *Op. cit.*

em Minas Gerais; sou mineiro. E isto sim é o importante, pois quando escrevo, sempre me sinto transportado para esse mundo"¹⁷. O sentimento de fidelidade a esse universo - a mineiridade - transpassa sua trajetória como pessoa e escritor. Traço com que outros mineiros se identificam em profundidade, como Afonso Arinos de Melo Franco: "Mineiros somos nós, homens de beira rio, e é por isso que sinto, em sua realidade mágica, essas criaturas san-franciscanas, cujas vidas, cujas almas, a força de vosso engenho veio revelar ao Brasil e, já, agora, à cultura contemporânea"¹⁸. Cordisburgo, Maquiné, revisitadas pelo homem adulto, já escritor, ressurgem das águas da memória, amalgamando-se passado e presente, memória e conhecimento: "Ele sabia - para isso qualquer um tinha alcance - que Cordisburgo era o lugar mais formoso, devido ao ar e céu, e pelo arranjo que Deus caprichara em seus morros e suas várzeas: por isso mesmo, lá, de primeiro, se chamava Vista Alegre. E, mais de que tudo, a gruta de Maquiné - tão inesperada de grande, com seus sete salões encobertos, diversos seus enfeites de tantas cores e tantos formatos de sonho, rebrilham do riso na luz - ali dentro a gente se esquecia numa admiração esquisita, mais forte que o juízo de cada um, com mais glória resplandente do que uma festa, do que uma igreja" ("O Recado do Morro"). Palavras que a Associação criada em torno do Museu de Cordisburgo, sob a responsabilidade de Calina Silveira Guimarães, deveria fazer inscrever na entrada da gruta, como preito de seus conterrâneos mineiros e guia ao visitante, preparando-lhe o espírito para a observação emocionada. Minuciosamente, nesta narrativa, a paisagem vai se estruturando em camadas, desde a experiência infantil e a observação nas viagens, como a que empreendeu à terra natal, em 1945, até a complementação pela leitura. Diz Guimarães Rosa que nessa ocasião contou com um precioso guia: *A Gruta de Maquiné e seus arredores*, obra de Afonso de Guaira Heberle - a seu ver, "instrumento precioso - bússola, guia, roteiro, óculo de ampliação" - através do qual "Deu-se a valorização da estesia paisagística, graças às lições da ciência e da erudição"¹⁹. Logo após a saída de *Sagarana*, relê um trecho sobre Maquiné e Cordisburgo em obra que comprou para as filhas, mas que acabou ele próprio utilizando, conforme conta. Tratava-se de um volume da *Viagem através do Brasil* de Ariosto Espinheira. Se por um lado a memória do vivido é reativada pelo "sonho", ou seja, o devaneio, a fantasia, por outro o conhecimento adquirido em leituras se soma à vivência pessoal, permitindo que novos detalhes enriqueçam a observação, quando revisita o cenário de sua infância. Se terra e pessoa se fundem, no plano afetivo e na memória; não há como não aproximar também a "minúcia, riqueza e complicação" com que a natureza esculpiu a pedra, na gruta, com o trabalho do escritor - "ourives da palavra" - como o definiu com tanta propriedade Otávio de Faria, em homenagem póstuma²⁰.

Presente em várias ocasiões, principalmente na citada narrativa "O Recado do Morro", a paisagem ressurgue mediante um observador atento, o seo Alquiste (ou

17. LORENZ, Gunther. *Op. cit*

18. MELLO FRANCO, Afonso Arinos. *Discurso*. In: Vários autores. *Em memória...*

19. Rec. Acervo JGR-IEB. s/d. *Gazeta de Paraopeba* [1946?].

20. VÁRIOS AUTORES. *Em memória...* Ed. cit.

Olquiste), que tudo registrava: "Mas seo Alquiste pegava no lápis e na caderneta, para lançar os assuntos diversos [...] E seo Olquiste estudava o que podia, escrevia em seu muitos cadernos... [...] Mas achava mais graça nenhuma, no seo Olquiste, sempre nas manias de remoer e ver, e perguntar, e tomar o mundo por desenho e escrito". Hábito de Guimarães Rosa, bastante conhecido dos estudiosos e do qual resultou parte de seu arquivo, constituída pelos famosos cadernos e cadernetas, com anotações e desenhos. Preocupação de tudo anotar que o próprio escritor menciona, conforme localizamos no "Diário de Paris"²¹ e que surge em referências nas obras, como *Grande sertão: veredas*, bem como nos muitos depoimentos de quem o conheceu pessoalmente.

A permanência do universo mágico da infância, pela interiorização das vivências que se incorporam definitivamente ao próprio cerne de seu potencial criativo, o levam a reiterar a identificação com a terra, reafirmando a sério o que J. Neves da Fontoura dizia em tom jocoso: "Ministro, está aqui CORDISBURGO". Afirmção final do discurso de posse, últimas palavras pronunciadas em público - fecho do testamento existencial do homem e do escritor.

Infância: território resgatado

Foi, portanto, a Ascendino Leite, em 1946, que Guimarães Rosa fez as confissões, tão repetidas, posteriormente, sobre o período de sua infância. Diz Ascendino Leite, sobre seu entrevistado:

"Mirando-me fixamente, os olhos brilhantes por trás das lentes grossas, o autor de *Sagarana* acentua com certa ironia:

- Não gosto de falar da infância. É um tempo de coisas boas, mas sempre com pessoas grandes incomodando a gente, intervindo, comentando, perguntando, comandando, estragando os prazeres. Recordando o tempo de criança, vejo por lá um excesso de adultos, todos eles, mesmo os mais queridos, ao modo de soldados e policiais do invasor em pátria ocupada. Fui rancoroso e revolucionário permanente, então. Já era míope e, nem mesmo eu, ninguém sabia disso".

Note-se a importância do elemento "visual", nesse fragmento de lembrança, denunciada pelo verbo escolhido: "vejo" - diz o escritor, como se assistisse, agora como espectador, às situações que protagonizou. Já reproduzimos a afirmação na qual Guimarães Rosa se considera em Literatura "um visual" pois escreve sobre o que viu e sonhou depois. Curiosamente, o famoso episódio de Miguilim, em "Campo Geral", vai mais além do que apenas retratar a descoberta do mundo através das lentes dos óculos do médico, que percebeu a miopia do menino: experiência pessoal, que narra em mais de uma ocasião. Nos citados ensaios sobre memória e

21. LARA, Cecília de. João Guimarães Rosa na França: anotações do Diário de Paris. *Revista Travesia*, UFSC, Florianópolis 1988/9.

ficção, assinala-se um ponto em comum, entre vários outros, que aproximam Aristóteles e Freud: no caso, o do “caráter visual” da recordação de infância. Fato que pode ser constatado em várias passagens da obra de Guimarães Rosa, associado, ainda, à característica pessoal que o escritor se atribuía. O episódio de Miguilim, percebendo através das lentes as formas do universo das pequenas coisas, que desconhecia, se torna a metáfora do próprio processo de conhecimento, com a intensidade da experiência inaugural, quando as imagens se iluminam e as cores se reavivam, com intensidade, fixadas num momento único, que se destacava entre outros, similares, no decorrer da existência. Segundo Freud “A memória visual preserva um tipo de memória infantil” [...] “cenas plasticamente elaboradas, comparáveis apenas a representações num palco”²². Nem se pode falar, propriamente, do prazer da “redescoberta”, mas da euforia do aprendizado de “ver” o mundo, numa idade em que o menino tem consciência do que se passa, pois até então não tinha condições de perceber os detalhes das coisas que tinha diante de si:

“Miguilim olhou. Nem podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãosinhos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância, e tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa: tudo... O senhor tinha retirado dele os óculos, e Miguilim ainda apontava, falava, contava tudo como era, como tinha visto”.

Acumulam-se verbos referentes à ação dos olhos: “olhou”, “via”, “tinha visto”, bem como a observação do efeito, nas coisas: a “claridade”; a beleza: “novo, lindo”. As dimensões diminutas: “grãosinhos”, “pedrinhas”, “formiguinhas”. E de imediato a necessidade de transmitir o experimentado: “apontava, falava, contava”. Não há como não aproximar a experiência do personagem com a vivência pessoal da descoberta por acaso da miopia, em 1914, aos nove anos, pelo Dr. José Lourenço. A carga emotiva que envolve o episódio talvez explique a preferência confessada do escritor por essa novela, de início publicada no volume único de *Corpo de Baile* (1956), posteriormente desdobrado em três volumes (1964): “Toda vez que releio essa estória, encham-me os olhos de lágrimas. Ela é mais forte do que eu, pois comove-me”²³. Não é outra a opinião de Dona Aracy Moebius de Carvalho, sua segunda esposa, em entrevista a Gilberto Cavalcanti, talvez reencontrando ali a face autêntica da pessoa que guardou com cuidado vivências de criança: “Já li várias vezes (diz Aracy sobre “Campo Geral”) e no final da leitura estou sempre com lágrimas nos olhos, comovida, encantada com a história de Miguilim”²⁴. Outro fato, a que se refere e que coincide com Miguilim é o gosto pelo isolamento, pelos brinquedos de menino quieto: “Em menino, gostava do isolamento. Trancava-me no

22. BEZERRA DE MENEZES, A. *Op. cit.*

23. COUTINHO, Maria da Graça Faria. *Op. cit.*

24. CAVALCANTI, Gilberto. Breve conversa sobre Guimarães Rosa. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 20 jun. 1965. (Entrevista com Dona Aracy Moebius de Carvalho) (Rec. Acervo JGR-IEB).

quarto, deitava-me no chão a imaginar estórias”²⁵. Gosto pela solidão, que também descreve a Ascendino Leite:

“Gostava de estudar sozinho e de brincar de geografia. Mas, tempo bom de verdade, só começou com a segurança de poder fechar-me num quarto e fechar a porta. Deitar no chão e imaginar histórias, poemas, romances, botando todo mundo conhecido como personagens, misturando as melhores coisas vistas e ouvidas, uma combinação mais limpa e mais plausível, porque - como muita gente já compreendeu e falou - a vida não passa de histórias mal arranjadas de espetáculos fora de foco”²⁶.

Ao relatar os fatos da infância, que rememora, já os reorganiza sob a ótica do adulto que se sabe escritor e vê a construção de sua individualidade, como pessoa, unida à inclinação literária que se plasmava entre outros elementos de vida: “Não é necessário se aproximar da literatura incondicionalmente pelo lado intelectual”²⁷.

A própria maneira de ser e de viver, no sertão, encarregou-se de encaminhá-lo para a busca da expressão pela palavra: “Deus meu! No sertão, o que pode uma pessoa fazer de seu tempo livre a não ser contar estórias?”- dirá a G. Lorenz. “Eu trazia sempre os ouvidos atentos, escutava tudo o que podia e comecei a transformar em lenda o ambiente que me rodeava, porque este, em sua essência, era e continua sendo uma lenda”. Os comentários que acompanham o relato dos fatos rememorados criam uma espécie de previsão retrospectiva, fazendo convergir o vivido para a situação presente: a do escritor que nascia para a Literatura.

Outros fatos aos quais se refere dizem respeito aos brinquedos, que inventava, com os recursos que tinha à mão:

“Armar alçapões para apanhar sanhaços - tão formosos, tão azulados, macios e inúteis como pássaro de gaiola - e depois tornar a soltá-los: uma maravilha! Ou ainda puxar sabugos de espiga de milho, feito boizinhos de carro, brinquedos saudosos: atrelar um sabugo branco com outro vermelho, e mais uma junta de bois pretos - sabugos enegrecidos no fogo...”

“Pena eu não dispor de tintas para desensabugar um boi verde - deplora Guimarães Rosa - outro de uma cor inventada na cabeça que ninguém conheceu com os olhos e eu mesmo já esqueci como era. Prender formiguinhas, em ilhas, que eram pedras postas num tanque raso, e unidas por pauzinhos, pontes para uma formiguinha passar. Aproveitar um fiozinho d’água, que vinha do posto das lavadeiras, junto à cisterna, e mudar-lhe duas vezes por dia o curso, fazendo-o de Danúbio, São Francisco e Sapakral-lal (velho nome inventado) com todas as curvas dos ditos, com as cidas marginais marcadas por grupo de pedrinhas, tudo isso sob os vôos matinais das maitacas de nho Augusto Matraga, no quintal”²⁸.

25. BLOCH, Pedro. Uma não entrevista de Guimarães Rosa. *Manchete*, Rio de Janeiro, 1º jun. 1963. (Rec.Acervo JGR-IEB).

26. LEITE, A. *Op. cit.*

27. LORENZ, Gunther. *Op. cit.*

28. LEITE, A. *Op. cit.*

Importante notar o final da declaração, pois o personagem de um de seus contos melhores realizados de *Sagarana* teria tido, pelo menos, no nome, um modelo real. Lembranças antigas, mas muito vivas, de quem soube manter a ligação com o território da infância - reserva de seiva suficiente para irrigar até as últimas folhas da árvore da existência. Como Riobaldo, revivendo o vivido: "Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data" (GSV). Pena que Guimarães Rosa não chegou a concretizar um projeto: "Um dia ainda hei-de escrever um pequeno tratado de brinquedos para meninos quietos. Havendo imaginação é uma boa escola"²⁹.

Mas, não só o escritor fala de sua infância. Sua mãe, Dona Chiquitinha³⁰, conta que, quando menino, Guimarães Rosa gostava de brincar de padre, rezando missa, tendo sido coroinha, na Igreja de S. José. Outra distração era fazer um jornalzinho, inteiramente à mão, com textos e desenhos. Estudou música e chegou a ter um violino. Sobre a adolescência, não temos registro escrito, a não ser a dedicação aos estudos. Primeiro dos seis filhos de Florduardo Pinto Rosa, de Caeté e de Francisca (Chiquitinha) Lima Guimarães, de Jequitibá, no rio das Velhas - ambos de famílias de fazendeiros de gado - Joãozito, como era chamado e se assinava, em família, teve três irmãs e dois irmãos. Tinha muita aproximação com o tio, quase da mesma idade, Vicente Paulo Guimarães, o Vovô Felício das histórias infantis. Seu pai, Florduardo - com nome que prenuncia personagens do filho escritor - foi comerciante abastado e Juiz de Paz. Gostava de caçadas e colecionava armas. G. Rosa o recorda, nos tempos de infância:

"Papai é um homem muito rigoroso. Quando eu era menino me levava para caçar com ele. Quando eu avistava a caça, gritava por papai. Ele vinha correndo e a caça fugia. Um dia papai desconfiou que eu gritava de propósito para que ele não pudesse matar os bichos e nunca mais me levou"³¹.

Da mãe - Chiquitinha - guardou, ao que parece, a imagem da infância. Dizia alegrar-se quando a mãe assinava as cartas, junto com pai, que as escrevia. Mas, em sua mente e na emoção, ficou impressa a figura da mãe preparando comidas e doces, como só ela sabia fazer. Certa ocasião escreveu ao pai pedindo a receita da geléia de mocotó, pois nenhuma das empregadas conseguia fazer igual. A mãe lhe envia a própria geléia, feita por ela, e o filho mata a vontade de experimentar, de novo, talvez o sabor da infância, no meio familiar³².

Mas, além da face idealizada dos pais, que o tempo atenua e a compreensão do filho adulto retoca, na obra emergem contornos de figuras tal como eram perce-

29. *Idem, ibidem.*

30. WERNECK, Humberto. Entrevista com Dona Chiquitinha. *O Minas Gerais*, Suplemento Literário, 23 nov.1968. (Rec. Acervo JGR-IEB).

31. BLOCH, Pedro. *Op. cit.*

32. REEVES, Vilma G. Rosa. *Relembraimentos. João G. Rosa, meu pai.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.

bidas, do ponto de vista da criança, em situações nas quais se manifesta a repressão exercida pelo adulto. Vicente Guimarães, tio do escritor, aponta na história de Miguilim, em "Campo Geral", muitas situações e personagens que fizeram parte da infância comum - dele e de J. G. Rosa. Refere-se ao presépio, quando se acirravam as posições de adultos e crianças. Sua lembrança, em relação à avó, Chiquinha (bisavó de G. Rosa) esboça uma figura "carinhosa a seu modo, mas implicante e ralhona"³³. Por ocasião do presépio, lembra: "a luta de nossa avó Chiquinha, com ralhações e xingos, era desenvolvida nesse período. Toda vez que passava pelo presépio aborrecia-se. Tinha que recolocar cada figura no lugar próprio. Os meninos mexiam demais. Todos queriam, aflitos, que os Reis andassem mais depressa"³⁴. Estes fatos - evocados pelo tio V. Guimarães - coincidem com a narrativa de Guimarães Rosa inserida em *Ave, Palavra*, "De Stella ad adventu magorum", montada com reminiscências de infância, recriando a atmosfera conforme o ponto de vista da criança, na ocasião em que os fatos se deram. Na narrativa a mãe das crianças aparece com o apelido - Chiquitinha - que era o apelido da mãe do escritor. O menino míope reparece como a inequívoca figura que se deslumbrava com a "geografia miudamente construída" do Presépio. Mas, a alegria, o entusiasmo, no conto, encontram freios:

"Em coisa alguma podia tocar-se, que Vovó Chiquinha, de coração exato e austera, e Chiquitinha, mamãe, proibiam. No entusiasmo de mover, dia a dia, os Reis Magos em direção à Mangedoura, as crianças brigavam: Vovó Chiquinha ralhava que nós, por nossas mãos, os mexíamos, senão a luz da estrela, o cometa ignoto ou milagroso meteoro, rastro sideral dos movimentos de Deus".

A mãe Chiquitinha era mais conciliadora:

"E Chiquitinha, para restituir-nos a paz dos homens concordosos, mostrava a fita com a frase em douradas letras - gloria in excelsis... - clara de campainhas no latim absurdado e umbroso. A avó - de coração exato e austera - cumpria à risca as datas: celebrava-se o dia 6, Vovó Chiquinha desmanchava o Presépio..."

Outra alegria era a vinda dos grupos das "Folias de Reis", que iam à cidade e às fazendas e depois se dispersavam. Ante a tristeza das crianças, ao terminar o período de festejos, a mãe - fiadora das alegrias futuras - consolava: "Mas, sim, eles voltam. Para o ano, se Deus quiser, todos voltam, sempre, mesmo. Há de recomeçar..." Os meninos se sorriam. - "Eles são homens de boa vontade - repetia Chiquitinha".

Reminiscências em que, como em outros episódios que tratam da infância, "As margens da Alegria", por exemplo, (*Primeiras Estórias*) repontam momentos melancólicos da descoberta de que as coisas belas e agradáveis terminam, desperdando o receio de que não mais se repitam.

33. GUIMARÃES, Vicente. *Op. cit.* p. 107.

34. *Idem, ibidem.* p. 165.

Rememorando o passado partilhado, diz o tio e companheiro de infância, Vicente Guimarães, que JGR era “menino acomodado”. E acrescenta:

“Pouco se tem para contar dele em férias. Brinquedos, brincadeiras, quase nada. Sua atividade maior era a leitura. Depois disso, a organização de seu museu de insetos, folhas secas. Interessava-se por estudar vegetais. Conseguiu, não sei como, uma velha botânica, com mapas e esquemas de classificação de plantas. Toda folha que pegava queria saber, por suas características, a qual grupo ou classe pertencia e, quando possível, o nome da planta. Procurava nos livros, perguntava aos mais velhos, anotando. Nomes científicos e populares havia de conhecer, interessado”³⁵.

É continua:

“Nas férias, o menino Joãozinho era também caseiro. Lia os livros que levava, os que tomava emprestado ao Padre Vigário, almanaques de farmácia, revistas e jornais novos e velhos. Tudo que tinha letras ele não desprezava. Também gostava de andar a cavalo, e quase nunca fazia visitas urbanas. As fazendas, sim, ele apreciava ir”³⁶.

Outra narrativa que capta aspectos da infância, que lembram palavras de JGR na entrevista a Ascendino Leite, é “Em cidade” (*Ave, Palavra*). Embora as circunstâncias sejam diferentes, vê na infância de outras crianças, mesmo nas ruas das cidades, certas constantes que se aproximam da sua visão de adulto lançada sobre a experiência de menino do interior de Minas: “Ora, meninos se suprem sempre de uma vida sem grades, e o brinquedo traduz em termos de não tempo. Mirim, o inédito se oferece, cada manhã ou tarde, entre as canchas de gude e os velocípedes; mãozinhas imaginam castelos-na-areia ou arranha-céus na poeira, para dizer maior”.

Como o Joãozinho, em Cordisburgo, “...conversam, justo se instruindo em lendas que serão de sua muita invenção”. O modo de brincar lembra o menino solitário, inventado lugares e fatos. Usa, até, termos semelhantes aos que utiliza para descrever sua própria lembrança: “Estes fazem geografia; experimentam cidades, copiam Lilliput”. No brinquedo, vê mais que o exercício ingênuo da fantasia, “pois o homem que percorreu todo um caminho, no tempo, das coisas naturais para as invenções, volta, na infância, a outras épocas, de novo ensaiando processos primitivos de civilização”.

Fato notório, na criação de Guimarães Rosa, é a presença da criança, revelando que o adulto soube manter, em algum canto protegido, o menino de Cordisburgo, que não cansa de maravilhar-se com o mundo ao seu redor. Curioso é que certos temas, embora derivados de vivência adulta, como as viagens à cidade em construção - Brasília - foram tratados da perspectiva do “menino” em “As margens da Alegria” e “Os cimos” - que não por acaso se situam simetricamente, na abertura e no encerramento do volume de *Primeiras Estórias*. O que demonstra

35. *Idem, ibidem*. p. 55-6.

36. *Idem, ibidem*. p. 50.

que "infância" em G. Rosa, não é um período cronológico, que se encerra no passado, mas um campo de força que continua atuante, no universo do adulto, desde que se disponha a manter abertos os canais por onde circulam as seivas do maravilhoso, da capacidade de se admirar e de se comover, com os olhos ávidos e curiosos das primeiras experiências.

Sagarana

"Comecei a escrever motivado pela saudade do interior de Minas", dirá o escritor sobre as narrativas de *Sagarana*³⁷. É evidente que é possível rastrear reminiscências do vivido em qualquer das obras do escritor. Mas, no caso, interessa-nos recolher elementos que mantêm ligação mais direta com fases de sua vida no interior de Minas. Logo após sua estréia como escritor, Guimarães Rosa refere-se a: "lembranças e saudades de Cordisburgo e Itaguara que me fizeram escrever *Sagarana*"³⁸. E explicita:

"São duas regiões distintas, bem diferentes, em Minas Gerais. Aquela onde nasci, passei a infância e as férias da adolescência, pertencem: 'O burrinho pedrês'; 'Corpo Fechado' - só no cenário, pois os fatos, ou seus elementos principais, vieram da outra zona; 'A hora e vez de Augusto Matraga' - só o início do conto, o resto sobe mais, no mapa; 'Minha Gente' e 'Duelo', se bem que Toribio Todo faça uma excursão pela outra região. A outra região é Itaguara, onde cliniquei mais tarde. A Itaguara devo estes contos: 'A volta do marido pródigo', 'Sarapalha', 'São Marcos' e 'Conversa de bois'. Naturalmente ocorre certa interpretação, e há muitos componentes comuns às duas regiões, ressalva G. Rosa".

Como se nota nas palavras do próprio escritor, a ficção é território no qual o objeto e sua sombra se confundem, mergulhados numa atmosfera específica. Nessa mesma entrevista reafirma que:

"Um mesmo fato, pessoa ou imagem se desdobra ou encolhe convertendo-se numa criação diferente: aquele negrinho que chora, canta, se desespera e acaba es-tourando a boiada em "O burrinho pedrês", não é mais do que a fusão de uma história de vaqueiro, bem local, bem mineira com um menino preto que conheceu numa pensão de estudantes em Belo Horizonte"³⁹.

Da infância em Cordisburgo, sabemos pelo depoimento do autor⁴⁰ que a

37. COUTINHO, Maria da Graça Faria. *Op. cit.*

38. BORBA, José César. *Op. cit.*

39. *Idem, ibidem.*

40. LEITE, A. *Op. cit.*

figura de Juca Bananeira se baseia numa pessoa que trabalhou para seu pai. E também o burrinho pedrês:

“Eu tinha nove anos. Ele, se fosse homem, andaria pelos noventa. Encontrei-o um dia molhado, no curral de uma grande fazenda. Uma lástima de burrinho velho. A gente tinha logo o desejo de dar-lhe um abraço. Não sei como se chamava, mas já tinha sua história”.

A história era a do afogamento dos vaqueiros, numa enchente do córrego da Fome: fato também real, que descreve longamente na entrevista.

Reminiscência de infância é, também, o embarque de bois, presos no curral da estrada-de-ferro: “Com um último lampejo do berrante, engarrafam no curral da estrada-de-ferro o rebanho, que rola para dentro e se espalha, como um balaio de laranjas despejado no chão” (*Sagarana*). Está aqui evidente a riqueza de detalhes, o extraordinário efeito visual, que traduz uma experiência antiga que se fixou, devidamente retrabalhada pela imaginação criadora, como a original imagem do “balaio de laranjas”. E seguem-se outros fatos que emergem da lembrança: “Mesmo com a mais chuva, vinha o povo do lugar em fé de festa, para gozar o espetáculo. E começou o embarque - rico de sortes, peripécias e aplausos -, que durou mais de hora e meia, até a boiada inteira - lote a lote, desaparecer no bojo dos carros-jaulas dos dois trens especiais” (“O burrinho pedrês”, *Sagarana*). Ressalta, nas passagens reproduzidas, o caráter visual do dado lembrado, o que nos remete de novo ao citado ensaio, no qual se lê: “É uma observação familiar que, mesmo naqueles cuja memória não é geralmente do tipo visual, as primeiras recordações de infância mantêm por longo tempo durante a vida a qualidade da vivez sensorial”⁴¹.

Uma faceta importante de sua personalidade, notória na criação ficcional e que aparece em *Sagarana* manifestou-se desde cedo: o amor por plantas e animais. Gosto que o leva à predileção, em seus estudos, pela História Natural. Traço que cultivou vida afora, conforme demonstra não só em sua obra, mas no convívio com animais de estimação: cachorros, gatos, papagaio. Em carta ao pai, de 1958, envia uma fotografia e explica:

“O retrato, junto, está muito apagado. Mas dá para ver, à esquerda, de pé, isto é, sentadinho, fazendo bonito o SUNG, meu pequenês (ele é marron, com cara preta). Nos braços, o gatinho (Boyzinho) e a gata (Xizinha)”.

Inúmeros cartões e fotografias se conservam no arquivo do escritor, bem como documentos: genealogia, receitas e regimes alimentares, de seus gatos de estimação. Sobre o papagaio escreve ao pai, em 1952, contando as proezas que arma, no prédio de apartamentos em Copacabana, no Rio, onde era conhecido por todos: “...grita, tosse, canta, assovia, chora imitando criança, ‘abôia’, chama as

41. FREUD, apud BEZERRA DE MENEZES, A. *Op. cit.* p. 135.

42. REEVES, Vilma G. Rosa. *Op. cit.*

vacas, gruguleja como peru, e fala quantidade de bobagens, tudo isso de enfiada, durante horas”⁴².

Mas, o gosto de Guimarães Rosa por animais ia mais longe. Conta que domesticou um gavião - que se tornou personagem de *Sagarana*:

“O escandaloso gavião manso de ‘Minha gente’ foi meu. Ingrato e razinza. Alojava-o em meu consultório da roça para impedir que ele trucidasse o casal de galinhas, mansinhas, meigas, que vinham comer na mão da gente”.

O gavião tinha hábitos estranhos, como andar pela estrada, conforme conta de forma curiosa:

“...pata de gavião é imprópria para tais passeios, tanto que ele perambulava errado, como um velhote com calos. Sempre o traziam de volta, mas um dia sumiu: É o bicho que mais me traz saudades, até hoje, de vez em quando”.

Também tinha seus amigos entre os animais do zoológico, como a irara Risoleta, de Vila Isabel: “Um amor de criatura”⁴³. Conta que na Europa se refugiava em companhia dos bichos, por ocasião da guerra. E o mesmo havia feito no Rio, quando aguardava ansioso, o resultado dos exames do Itamarati: “Se todo animal inspira sempre ternura, que houve, então, com o homem?” (“Zoo”, *Ave, Palavra*).

Em seu arquivo há inúmeras anotações, recortes, fotografias de animais - que serviram de fonte para sua criação como as crônicas de “Zoo”, ou personagens de outras obras. Seu amor aos animais ia além do interesse em retratá-los. Colhia, na observação dos animais, ensinamentos de vida: “As vacas e os cavalos são seres maravilhosos. Minha casa é um museu de quadros de vacas e cavalos. Quem lida com eles aprende muito para sua vida e a vida dos outros”⁴⁴.

Já nos contos da versão inicial de *Sagarana* apresentado ao concurso de 1937, a presença de animais chamou a atenção de Graciliano Ramos, membro do júri, que na ocasião não soube reconhecer o talento do novato que se assinava “Viator”. Anos depois, escreve sobre a obra e assinala a precisão com que Guimarães Rosa retrata animais: “Devo acrescentar que Rosa é um animalista notável: fervilham bichos no livro, não convenções de apólogo, mas irracionais direitos, exibidos com peladura, esparavões e os necessários movimentos de orelhas e rabos”⁴⁵.

Nas linhas finais da entrevista a Ascendino Leite, falando de sua volta ao interior de Minas, assinala várias situações que anos depois se incorporam a criações. São suas palavras, na ocasião:

43. LEITE, A. *Op. cit.*

44. LORENZ, Gunther. *Op. cit.*

45. RAMOS, Graciliano, 1948. (*A Casa*. Rec. Acervo JGR-IEB).

"Dono e digno, o rio Paraopeba, no Alto Grande, que andei seis léguas a cavalo, para poder ir ver; um cachorro amarelo, que deu três tombos sucessivos num touro furioso, para defender os meninos do meu amigo Pedro Figueiredo; um vaqueiro, ordenhando vacas-zebu, na fazenda Três-Barras, o qual estivera em Monte Castelo ou Montese; a probreza e as dificuldades do bom povo da roça, que dão dó; e os buritis do imenso Brejão do Funil - estranhos, tamanhos, costeando os vinte alqueires do pântano, numa impressionante linha sinuosa, que marca a rota de vôo e os pousos do gaviões - que buriti é um caso de beleza e uma palmeira diferente, metafísica..." [...] Basta olhar uma delas para acreditar que a arte e céu são assuntos muito sérios, países de primeira necessidade..."

Esses detalhes que relembra na entrevista, logo depois da viagem, reaparecem em narrativas de *Corpo de Baile* que viriam a público dez anos depois dessas considerações. Fatos que deixaram marcas profundas pois emergiram entre elementos imaginários que compõem o tecido de várias narrativas⁴⁶.

Sobre a elaboração da primeira versão de *Sagarana* conta que: "O livro foi escrito quase todo na cama, a lápis, em cadernos de cem folhas - em sete meses; sete meses de exaltação e deslumbramento. (Depois repousou durante sete anos, e, em 1945 foi 'retrabalhado', em cinco meses de reflexão e lucidez)". Em 1936, por ocasião do Concurso Humberto de Campos encarregou uma datilógrafa de passar a limpo seus contos e ao entregar o volume retirou o nome - *Sezão* - e deixou apenas Contos, sob o pseudônimo de "Viator": "Porque eu ia ter de começar longas viagens, logo após", explica, referindo-se às exigências da Carreira Diplomática, na qual ingressara⁴⁷. A Comissão julgadora constituída por Graciliano Ramos, Marques Rebelo, Dias da Costa, Prudente de Moraes, Neto e Peregrino Jr. se desentendeu quanto à premiação. Bem mais tarde, G. Ramos relatou, com seu humor peculiar, o impasse gerado pelos contos, que considerou desiguais, preferindo dar seu voto à obra de Luís Jardim, *Maria Perigosa* - que ganhou notoriedade por essa razão. Obra sem nenhuma inovação, tem seus melhores momentos quando retoma os problemas da seca, que Graciliano já havia tratado com mão de mestre. O voto de G. Ramos despertou a reação de Marques Rebelo, que se retirou do júri. Prudente de Moraes, Neto votou a favor de Guimarães Rosa e Peregrino Jr. decidiu com sua escolha a premiação da obra de Luís Jardim. Fatos que vieram a público quando *Sagarana* finalmente foi editado, quase dez anos depois, em 1946, obtendo êxito imediato. Guimarães Rosa afirma que se inscreveu para que sua obra fosse avaliada, visto que não possuía quase relações literárias. Por muito tempo ninguém conseguiu identificar o autor, oculto sob o pseudônimo, pois Guimarães Rosa tinha se ausentado do país, permanecendo em Hamburgo por quatro anos. Animado por Cícero Dias, que leu os originais, procurou M. Rebelo, membro do júri do concurso de 1937, para conhecer sua opinião. Resolveu, então, retomar a obra, para publicação. No Rio, num período intenso de trabalho burocrático, diz que conseguiu "[...] à custa de horas de sono, de descanso de domingo e de muito esforço - preparar ou

46. LEONEL, Maria Célia de Moraes. *Op. cit.*

47. CONDÊ, José. Arquivos Implacáveis. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 21 jun. 1946. (Rec. Acervo JGR-IEB).

melhor, reestruturar um livro de contos para o qual achei imediatamente editor. Tenho muita esperança nesse livro, pois já provocou o mais exaltado entusiasmo (e sincero) da parte de 4 dos maiores escritores e intelectuais brasileiros, que lhe garantem tremendo sucesso"⁴⁸. Por indicação de M. Rebelo encaminhou o livro para a Editora Universal, de Caio Pinheiro, que tirou duas edições seguidas.

Sobre a reelaboração dos contos, para publicação, afirma: "Fiz-lhe pouquíssimas alterações de forma e estilo, limitando-me a suprimir em uma ou duas histórias, parágrafos que me pareceram supérfluos para o público, mas tudo de ordem subjetiva. O que me preocupa e tortura, ao rever as páginas escritas, é a angústia de evitar a chapa, o chavão, a frase feita"⁴⁹. Na realidade as versões redacionais da obra, que pertencem ao Arquivo do IEB, revelam uma quantidade bem mais significativa de alterações.

A respeito do nome - *Sagarana* - o escritor confessa que filou "um sufixo nhegatu - rana - que acrescentou a 'saga'. O livro foi escrito em 1937 e recebeu vários nomes até chegar a este nome com que se acha nas livrarias: *Sagarana*. As mudanças se fizeram, porém, depois da primeira letra, pois, os outros títulos também começavam por S. Era uma superstição". Não se conhecem outros nomes com S, mas, realmente, os dois volumes encadernados que estão no Arquivo de João Guimarães Rosa do IEB trazem o título SEZÃO inscrito na lombada.

Terminada a reelaboração das narrativas, a esperança de Guimarães Rosa era de que o livro saísse no Natal de 1945. Mas, isto não ocorreu. Em março do ano seguinte a edição ainda não estava pronta: "Houve um atraso de um mês, porque o correio extraviou as últimas provas; uma maçada!"⁵⁰. Mas, depois de tantas vicissitudes, o resultado final compensou. No mesmo ano de 1946 saíram duas edições seguidas e, para que enfim se fizesse justiça ao escritor, *Sagarana* recebeu o "Prêmio Felipe D'Oliveira". Por várias razões a obra deu o que falar. E o veredito do concurso, realizado dez anos antes, concorreu para aumentar a curiosidade. Os membros do antigo júri se sentiram impelidos a vir a público, para expor suas razões.

Em *Sagarana* Guimarães Rosa fez largo uso de sua experiência direta no interior de Minas, fosse pelas recordações, fosse pela pesquisa, para reavivar as lembranças. Sobre o resultado escreveu ao pai, Florduardo:

"O senhor irá gostar, e muito, estou seguro, pois nele verá muita coisa do interior, muitas cantigas, como epígrafes (ex. 'Ao meu macho rosado carregado de algodão', etc. 'Eu quero ver a moreninha tabaroa', etc, muita coisa enfim, que lhe dará boas recordações"⁵¹.

48. Carta ao pai, 6 nov. 1945. In: REEVES, Vilma G. R. *Op. cit.*

49. LORENZ, Gunther. *Op. cit.*

50. Carta ao pai. 6 nov. 1945. In: REEVES, Vilma G. R. *Op. cit.*

51. *Idem, ibidem.*

Em *Sagarana* a busca de linguagem, dessa etapa, tem seu ponto de chegada em "A hora e vez de Augusto Matraga", que o escritor considera a peça melhor acabada, síntese e chave de todas as outras: "Quanto à forma, representa para mim vitória íntima, pois desde o começo do livro, o seu estilo era o que eu procurava descobrir"⁵². Criações posteriores, se de um lado retomam a vivência do sertão, no caso das narrativas de *Corpo de Baile*, por outro aprofundam o filão entreaberto com a experiência de "A hora e vez de Augusto Matraga" - núcleo incontestável de alguns aspectos do enredo e esboço inicial da figura de Riobaldo, em *Grande sertão: veredas*.

Enfim, *Sagarana* lança os pilares sobre os quais se erguerá a criação posterior do escritor, alçando-se para as elocubrações metafísicas e míticas, ou ainda fincando suas bases no chão que tão bem conheceu.

O Acervo JGR: traços da criação

Toda essa complexidade do fenômeno da criação ficcional nos leva a refletir sobre as dificuldades do trabalho que enfrenta a equipe que tem participado do *Projeto de Organização, Exploração e Divulgação do Acervo João Guimarães Rosa do IEB* - por nós orientada por mais de dez anos. No tratamento dos documentos à luz da Crítica Genética, que vem sendo empreendido atualmente em trabalhos de grau - Mestrado e Doutorado - e em ensaios em revistas especializadas, comunicações em Congressos e Reuniões, verificamos que esta fase de estudos aprofundados está permitindo a nova etapa de organização dos documentos de cunho pára e pré-redacional ou redacional. Os documentos de início foram separados e acondicionados quanto ao suporte, conforme normas arquivísticas - folhas avulsas ou pastas, cadernos, cadernetas, recortes, documentação pessoal, correspondência, etc. Para evitar a desmontagem de prováveis "dossiês" de obras em curso, alguns aglomerados foram mantidos, para posterior estudo. Tal é a complexidade do conjunto de certas anotações que, paradoxalmente, a organização definitiva só pode se consolidar como resultado de pesquisas minuciosas que levam ao remanejamento e à identificação segura dos documentos, possível apenas depois do convívio longo e eficiente com o acervo. Fato que nem sempre o pesquisador, inexperiente ou não, que apenas vê de fora, compreende, alimentando a ilusão que se depararia, no arquivo, com "dossiês" claramente pertencentes a esta ou àquela obra. Mas, a realidade é bem outra: massas de registros correspondem a inúmeras obras, editadas ou em fases diferentes de elaboração, sendo que algumas anotações laterais por vezes indicam onde a expressão teria sido usada: mas só o confronto direto com os textos citados permite verificar se isto ocorreu de fato e como se deu a inserção da expressão, em geral submetida a alterações. Logo, mesmo a organização do acervo, que pode parecer tarefa quase mecânica, tem se caracterizado, por-

52. CONDÉ, José. *Op. cit.*

tanto, como provisória, permanecendo em aberto, até que o trabalho em profundidade - exigindo no mínimo seis meses de contacto do pesquisador com o material - venha permitir a continuidade do aperfeiçoamento da organização básica da totalidade dos documentos. Fruto de trabalho especializado e cuidadoso desenvolvido por alunos de Pós-graduação em estágios prolongados, conta, atualmente, com a supervisão criteriosa e competente da Profa. Maria Neuma Cavalcante, que realizou seu Doutorado sobre versões do conto "Bicho Mau", retirado da primeira arrumação das narrativas de *Sagarana* apresentada ao concurso Humberto de Campos. No momento, a pesquisadora desenvolve, como trabalho pessoal, o estudo das cadernetas, além de se dedicar à tarefa de aprimorar a organização dos documentos, em grande parte já aproveitados em trabalhos, terminados ou em andamento, por parte de especialistas e estudiosos.

Referências Bibliográficas

CAVALCANTE, Maria Neuma Barreto. *Bicho-Mau: a gênese de um conto*. São Paulo, 1991. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Idem. Os Diários de Viagem (Cadernetas) de J. Guimarães Rosa. In: *Gênese e Memória*, 1995, p. 99-104. (Comunicação sobre pesquisa mais ampla, em andamento)

COVIZZI, Lenira Marques, NASCIMENTO, Edna Maria F. S. *Guimarães Rosa: homem plural, escritor singular*. São Paulo, Atual, 1988.

ROSA, João Guimarães. Discurso de Posse como membro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. *Gazeta de Paraopeba*. s/d. (jan. 1946-N. de Pesq.) (Rec. Acervo JGR-IEB).

ROSA BY ROSA: MEMORY AND CREATION

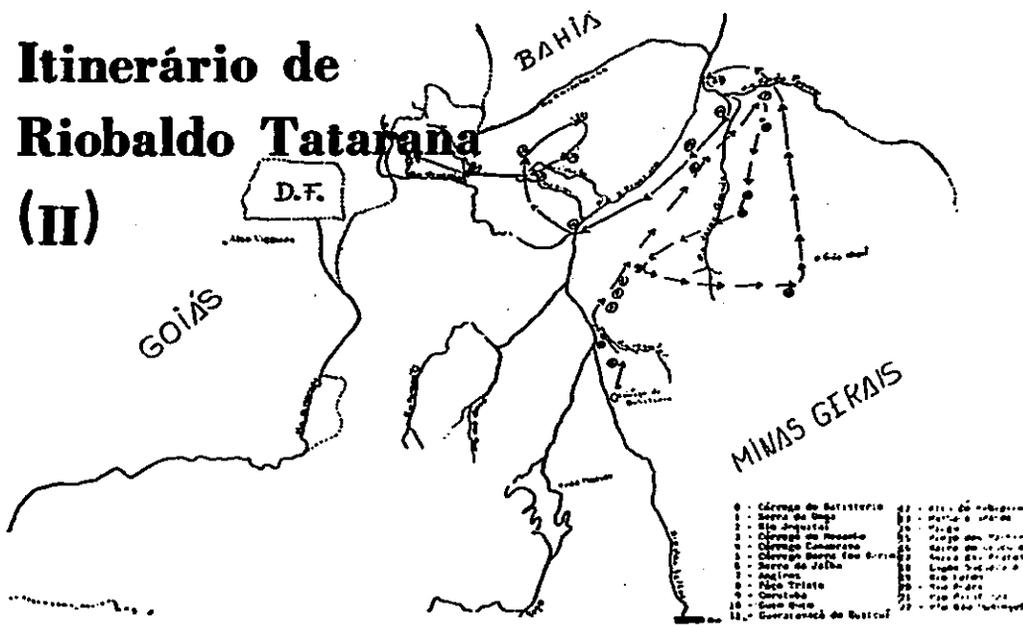
ABSTRACT: Studying personal reports by João Guimarães Rosa, the author collects informations about the writer's childhood and homeland. These are correlated with the process of fictional creation, particularly in *Sagarana*, observing the conception that remembrances are also invented, once fantasy itself is associated to childhood reminiscences in the adult's memory.

KEYWORDS: Memory, imagination, childhood, interview, *Sagarana*.



João Guimarães Rosa entre os pais, D. Chiquitinha e Florduardo, 1908.
In: ROSA, Vilma Guimarães. *Relembrações: João Guimarães Rosa, meu pai.*
Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.

Itinerário de Riobaldo Tatarana (II)



Itinerário de Riobaldo Tatarana (IV)

In: Correio do Povo. Porto Alegre, 23 out. 1971. Caderno de Sábado. Série Recortes, Arquivo IEB.